

Discurso encontro de Bioeconomia - UEA

Manaus, 12 de novembro 2019

Gov Wilson Lima - Amazonas

Esse é um evento importante porque também vai dar sua contribuição no processo de transformação dos ativos ambientais da Amazônia. Há algumas barreiras a serem superadas, que ao longo dos anos não receberam a devida atenção, e hoje são um grande impeditivo para o desenvolvimento.

Nós enquanto governadores da Amazônia estamos muito alinhados em relação a necessidade de avançar nos processos de regularização fundiária, ZEE (Zoneamento Econômico Ecológico), CAR (cadastro Ambiental Rural) e uma legislação (federal e estadual) sobre os serviços ambientais. Esse é um caminho que precisa ser pavimentado para o avanço do desenvolvimento das cadeias produtivas. Enquanto essas travas não forem superadas, estaremos sempre limitados a projeto pontuais que não contemplam o todo da Amazônia.

Ninguém, além do nosso povo, está mais interessado em preservar a floresta e mantê-la de pé, mas a maioria da nossa população ainda vive sob a lógica da sobrevivência. O caboclo derruba uma árvore ou desmata uma área verde para o sustento da família. E o discurso de preservação só faz sentido quando há garantias de retorno econômico e sobretudo social para essas pessoas.

Não cabe mais se prender a retórica da proteção ambiental sem uma contrapartida efetiva, senão tudo vai se resumir a discursos e proposta que caem no discreto. Está na hora de saber até que ponto o mundo está de fato interessado na Amazônia e o quanto está disposto a investir, porque proteger tem um preço.

Dá a necessidade de se estabelecer parcerias com países e organismo que possam trazer recursos e tecnologia para agregar valor ao produto que aqui é explorado. Não podemos mais admitir que frutos, óleos, essências, sementes e outros continuem saindo in natura do estado e levando riqueza para outras regiões em detrimento do nosso trabalho. No Amazonas ficamos com a parte mais difícil das cadeias produtivas que é o de plantar, cultivar e despolar, e quando sai do nosso território recebe a marca Amazônia, é beneficiado, tem valor agregador e é vendido por um preço alto.

Sempre tenho defendido que as discussões sobre o Amazônia devem ser feitas na Amazônia, entendendo a realidade do homem da floresta, porque no final das contas é ele que detém as informações mais importante da região. Conhece o regime de subida e descida dos rios, sabe em que praias os quelônios vão pôr seus ovos e em que período, onde encontrar as sementes, os óleos e as plantas medicinais.

O indígena, o caboclo, o ribeirinho tem seu conhecimento que precisa ser respeitado e potencializado. Quem está vivendo nestas bandas quer o mínimo para sobreviver e garantir o sustento da família. Por isso, antes de qualquer discurso preservacionista da Amazônia é preciso dizer como será protegido o homem da floresta.

E o povo é preservado quando há distribuição de riqueza, que significa levar serviços essenciais como água potável, energia elétrica, comunicação, porto, aeroporto, assistência técnica, financiamento, tecnologia de produção...

A atividade acadêmica tem um papel fundamental para lançar luz e nos levar a reflexão sobre os caminhos que devem ser seguidos para o tão desejado desenvolvimento sustentável que envolve a conservação da floresta, o desenvolvimento econômico e sobretudo o social, e desse último não abro mão. Só faz sentido manter a floresta em pé se o povo for preservado.

Obrigado.

Wilson Lima - Governador do Amazonas